

Corpo e Política: implicações em modos de aglutinação e criação em dança

REALIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



PPGDAN
UFRJ

APOIO FINANCEIRO



RELATÓRIO VI ENCONTRO CIENTÍFICO ANDA JUNHO/UFBA, 2019.

Coordenadoras: Helena Bastos USPⁱ e Ivana Menna Barretoⁱⁱ
Corpo e Política: implicações em modos de aglutinação e criação em dança

Este é o relatório que compõe as comunicações realizadas no “VI Encontro Científico da ANDA”, do “Comitê Corpo e Política: implicações em modos de aglutinação e criação em dança”, na Universidade Federal da Bahia/UFBA, Campus de Ondina/Salvador, no período de 4 a 7 de junho de 2019. Averiguamos presenças de estudantes, pesquisadores e professores que contemplaram as regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul. Houve uma assiduidade mais contundente da região Nordeste e, internacionalmente, uma doutoranda portuguesa da Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Portugal) Bolsa FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal. Foram 71 comunicações inscritas. Diante de um volume expressivo nas inscrições, convidamos a artista-pesquisadora Dra. Ivana Menna Barreto, do Rio de Janeiro, na composição da coordenação deste comitê junto com Helena Bastos.

Propusemos, enquanto organograma de trabalho, dividir o grupo em dois núcleos, que se deram em duas salas de forma simultânea durante os quatro dias do encontro. O grupo coordenado por Bastos agregou 28 comunicações, e o de Barreto 26 comunicações e 3 painéis. Houve 12 ouvintes, convidados a uma mobilidade durante o Encontro Científico no ensejo de conhecerem outras temáticas aliadas às propostas de outros Comitês. Pontuamos que houve uma circulação grande de ouvintes, além de pesquisadores de outros Comitês.

Nossa metodologia foi de agrupamento por temáticas mais próximas. Cada pesquisador tinha 10 minutos de exposição. Depois de cada quatro comunicações os pesquisadores presentes davam devolutivas sobre as pesquisas apontando dúvidas e sugestões, com 15 minutos dedicados a este momento.

Um ponto importante a ser discutido é a quantidade de participantes. Apesar das boas devolutivas que recebemos enquanto coordenadoras, entendemos que devido ao grande número de participações, não havia tempo nas discussões para maiores verticalizações. A questão quantitativa gera conflitos na perspectiva qualitativa do encontro. Esta é uma preocupação que lançamos desde já.

Outra impressão é que este comitê pode ser desdobrado, em momento oportuno, futuramente. Evidencia-se que muitas pesquisas coadunam com a proposição da ementa do “Comitê Dança em Configurações Estéticas” de edições anteriores.

Segue uma análise sobre as comunicações, entre recorte de pesquisa e tendências bibliográficas. Os dois núcleos encontraram-se de 4 a 6 de junho e expuseram as seguintes reflexões:

Na Sala Preta da Escola de Dança/UFBA, com Helena Bastos, sublinhamos discussões que promovem deslocamentos em torno de alguns temas. Organizamos 7 eixos possíveis:

Corpos como manifestos. Manifesto no sentido de que cada corpo pode se expor enquanto um contexto específico de subjetividades na interpelação de existências compreendidas em sua vulnerabilidade, como negros, indígenas, pobres, gays, lésbicas, trans, por exemplo. Partindo dessas constatações, entramos em contato com provocações que nos tocam sobre fenômenos identitários e a produção de subjetividades na produção coreográfica contemporânea. Neste contorno surgem urgências que lidam com questionamento de gênero, empoderamento negro, empoderamento feminino, diversidade sexual, acessibilidade etc.

Grifamos comunicações cujos assuntos abordam “O corpo transformacional, sua qualidade de movimento, sua forma e sua existência alteradas” (Ian G. Habib) “Batráquios” (Ricardo M. Martins – Princesa), “Violências contra corpos de mulheres” (Ruth Silva Torralba Ribeiro), “o corpo nu na cena, é repropósito como um recorte detonador contracultural” (Willian da Silva). Dessas perspectivas: Quando o discurso encarna em manifestos de corpos? E quando o discurso se apropria de uma onda, fugaz e passageira?

Educação de situação em deficiência de acessibilidade. Apesar deste recorte conectar-se com o bloco anterior, entendemos que ele merece sua ressalva. Compreende-se pessoa com deficiência entendendo que ela está em situação de deficiência. Precisamos enfrentar o vácuo entre o que está aprovado em lei, nas condições que as instituições expõem e na necessidade de educar-nos na prontidão do que tange as situações de deficiência, que nos implicam na relação com o ambiente em que nos inscrevemos. Necessitamos incorporar verbos e palavras que

produzam deslocamentos na convivência com deficientes em situação de deficiência.

Como se dá esta educação de convivências entre diversidades? Precisamos pensar que os bipedias também enfrentam situação de deficiência dependendo das circunstâncias apontadas pelo ambiente. Sublinhamos os artistas-pesquisadores Carlos Eduardo Oliveira do Carmo e Natalia Pinto da Rocha Ribeiro quando nos alertam: “Uma das consequências da camada ideológica da Bipedia Compulsória, é o devotismo (fetiche pela deficiência)”. De forma complexa e contraditória, pessoas sem deficiência investem em trabalhos artísticos com deficientes, ao invés de explorarem - em sua maioria - as possibilidades e poéticas que a deficiência produz. Dessas constatações: Como modificar nossos hábitos de fala e conduta na convivência com alguém em situação de deficiência? De que maneiras podemos explorar as possibilidades poéticas que a situação de deficiência produz?

Dança Contemporânea. Infere-se, a partir da discussão sobre a dança contemporânea, certos traços que ela conserva em sua gênese – aquilo que aciona qualidades subjetivas para expor um jeito de organização que, cada vez mais, agrega complexidades que ampliam cruzamentos filosóficos, sociológicos, científicos e artísticos, entre outros. No que nos tange, surge como fruto também de acasos preciosos, isto é, enquanto manifestações mais ou menos espontâneas de necessidades encarnadas em nossas subjetividades.

Discute-se também a agência artística e cultural perante a estrutura de poder constituída e assim, lança-se dança enquanto campo aberto, para que possamos entendê-la de distintas perspectivas. Pontua-se estratégias para repensarmos a estrutura e os dispositivos que aí se produzem. Dessa amálgama, vale enfrentarmos os desafios na construção de políticas culturais e educacionais a fim de garantir e ampliar acessos às artes, democratizando-as sem resumi-las a bens de mercado.

Sinalizamos comunicações que amparam em algum nível tais discussões como as “implicações artísticas e políticas da presença da coreógrafa Lia Rodrigues, no Complexo de Favelas da Maré/RJ” (Adriana Pavlova), “imagens de Cardume a partir das formações de corpos coletivos” (Candice Didonet), “o técnico-coreógrafo é ocupante de um lugar coreopolítico” (Carolina L. Gualberto), “análise do espetáculo ‘Cão Sem Plumas’ de Débora Colker” (Caroline C. do Nascimento), “um estudo sobre o processo de criação do espetáculo APOENA” (Carmem Lúcia M. Arce), “um

descompasso entre as necessidades das obras e o grau de flexibilidade das instituições”(Cláudia G. Müller), “uma compreensão do capital cultural artístico visto sob a ótica de um habitus religioso fundamentalista”(Fabiana P. Amaral), “como se dá a aproximação e formação de plateia para a dança contemporânea”(Flavia B. Borsani Marques), “intervenções urbanas artísticas”(José Jayme da Silva Marques) “intercessão entre a dança e o circo nas artes contemporâneas”(Julia C. F. de Mamari), “construção de ambientes coletivos reconhecendo as singularidades que compõem o coletivo” (Lucas V. Rocha) “acordos circunstanciais e a noção de corporeidade que se implica em determinada situação”(Vanilton A. de Freitas). Nesse recorte da dança como campo de conhecimento, em seus processos de aglutinação, organização e criação: do que ela dá conta e o que lhe escapa?

Dança Evangélica. É um flanco que se abre na discussão de diálogos possíveis (teórico, histórico e analítico) entre os campos da religião e da dança, contribuindo para a reflexão e análise sobre este fenômeno que atualmente se expande no Brasil. Recentemente há uma ampliação do número de fiéis cristãos, principalmente evangélicos. Segundo o último Censo do IBGE, o número de evangélicos no país cresceu 61% em 10 anos. Nesse contexto, ressaltamos a proposta de Zélia P. N. R. dos Santos. Surgem inquietações: Como ajustar reflexões evolucionistas com crenças criacionistas? Como se dá o diálogo entre ciência e religião?

Cartografias e Mapeamentos em Dança. Iniciativas como o projeto Mapeamento dos Espetáculos de Dança em Cartaz na Cidade do Rio de Janeiro se evidenciam. Nesse contexto, busca-se criar uma cartografia dos espetáculos em cartaz na cidade a partir de um conjunto de fontes documentais diversificadas e móveis, como o próprio fluxo de publicização das atividades culturais da cidade. Acredita-se que esta cartografia seja capaz de traçar uma reflexão que catalogue em registros a partir de atravessamentos que perpassam memória, produção e circulação cultural, entre outros, por parâmetros sociais, culturais, territoriais e econômicos. Entende-se como possibilidade de mapear e dar uma certa visibilidade na produção em dança. Metodologias como esta deveriam ter um maior apoio no território nacional para termos acesso ao que se produz. Como se dão os processos de aglutinações, entre pontos comuns e especificidades locais? Próximo a estas metodologias, entendemos que as plataformas digitais podem operar também no

sentido de aglutinar e dar visibilidade no que se produz em dança enquanto ações significativas. Nessas tramas destacamos as propostas “um mapeamento dos artistas e seus modos de criação artística híbrida” (Caíque S. Melo) e “Cartografia da Dança Carioca: Mapeamento dos Espetáculos de Dança em Cartaz na Cidade do Rio de Janeiro durante os anos de 2015 e 2016.” (Lígia Losada Tourinho). Dessas iniciativas: Entre visibilidades e apagamentos, por que estas estratégias em dança são relevantes? Para quê?

Situações políticas-estéticas aglutinadoras com ênfase em dança. As atuais formas de aglutinação praticam outros tipos de cooperação que se transformam em coletivos temporários e promovem diferentes modos de lidar com a criação. Como compreender tais fenômenos através das formas de comunicação que inventam e da dissimetria que os constituem? É em sua própria materialidade que a dança evidencia suas potencialidades. Nesse ambiente podemos sublinhar outros ajustes gerando contaminações entre linguagens, mesmo que a ênfase seja dança. Vale também nos expormos a partir de uma vontade que dimensiona outros modos de convivência e, deste modo, promover deslocamentos cujos trajetos expandem possibilidades de ações compartilhadas.

Destacamos investigações que elegem formas de agrupamentos num enfrentamento político-estético como “Dança Comunitaria’: em resposta à crise econômica de 2001 que atingiu a Argentina, forma-se o Movimento Nacional de Fabricas Recuperadas, do qual a fábrica Grissinopolis faz parte, sendo a única a desenvolver práticas de dança, gratuitas e abertas a todos” (Ana Isabel V. Monteiro); o “Movimento a Dança se Move’ enquanto possibilidade de existência na fricção com o atual contexto político que nos circunda enquanto artistas de dança.” (Helena Bastos e Vanessa Macedo) e “uma análise das composições e os atravessamentos estabelecidos entre o Núcleo do Dirceu e os moradores do Bairro Dirceu, Piauí” (Hildegarda B. Sampaio). Dessas mediações, como dançar por uma política que viabilize outras permanências? Dessas permanências, que escuta apuramos das diferenças e naquilo que nivelamos?

O artista-pesquisador-etnógrafo. Nessa perspectiva, observa-se como o impulso ensaístico aparece como uma espécie de tendência que interconecta as ações desenvolvidas ao longo do processo criativo em curso, de modo que tais ações se assemelham ao que poderíamos chamar de práticas de ensaio: formas

endêmicas de agregação a partir de conexões improvisadas, aleatórias e fortuitas, que engendram a criação de redes de descontinuidades abertas ao desvio, ao indeterminado. O que está em jogo não é a execução de um plano, mas o exercício de um nível de abertura para uma determinada dimensão do outro, do coletivo, do público.

Imaginar-se como *artista-pesquisador-etnógrafo*, espelhado numa espécie de poética tramada via uma escrita própria/particular. Neste segmento destacamos “o Artista Etnógrafo; Corpos do Manifesto, Manifestos do Corpo: movimento, dança e política” (Diego Alves Marques). A escrita foi efetivamente o que favoreceu um relativo distanciamento e a compreensão do trabalho coreográfico “favorecendo uma escrita de si que busca reconhecer e questionar as estruturas e políticas de identificação e desidentificação” (Monica F. Dantas). Dessas impressões: Como demarcar uma especificidade do artista na maneira de comunicar sua pesquisa?

Apontamos, a partir daqui, as contribuições ocorridas na Sala 4 da Escola de Dança da UFBA e coordenada por Ivana Menna Barreto. Sublinhamos 5 eixos:

Cena expandida e Derivas. O conceito de cena expandida, que atravessa algumas comunicações (sobretudo de Mariana Nomelini, Carina Ramos, Sandra Corradini e Sylvia Caetano), levantou muitas questões. Seria pertinente a necessidade, muito recorrente, de afirmar o próprio campo, ao se pensar numa cena expandida? Se há uma circulação maior pelos diversos campos de saberes, e se trabalhamos tanto para expandir e alargar nossa curiosidade epistemológica, ainda faz sentido a preocupação com a reafirmação constante do lugar da dança de onde viemos? A preocupação com “o que deve ser valorizado como dança”; ou com “o que é a dança contemporânea” não deveria também incluir o entendimento das coexistências entre os diversos campos e linguagens? Se as pesquisas apontam para trânsitos e borramentos de fronteiras, parece ser crucial, para sua continuidade, que potencializem conversas e debates com práticas e processos diferenciados. Do contrário, não partiriam de premissas excludentes?

Minorias, relações de poder e invisibilidade. Outras comunicações investigam a performance e as relações de poder. Artur Braúna pesquisa a performance do terror que, ao expor o monstro e produzir medo, fala historicamente do que não conhecemos, ou daquilo que não queremos ver por que não conseguimos resolver socialmente. Algumas questões levantadas nessa pesquisa

nos provocam: os corpos deformados produzem medo? É o medo que causa o monstro ou o contrário? Quando não sabemos resolver, ou controlar uma situação colocada no mundo, sentimos medo. A construção do personagem monstruoso pode estar muito associada ao gênero e também a toda sorte de minorias. Como esse devir monstro (NEGRI, 2007), enquanto emergência da multidão em sua aglutinação de corpos e subjetividades, pode provocar nosso olhar para isso que não queremos ver, por que não sabemos suportar? A multidão, tal como vista por Negri, não teria lideranças, como as massas, nem atuaria com representantes, como o povo – seria um devir temporário e inesperado, que se cria em determinados contextos históricos.

O paradoxo entre terror e humor dialoga com a pesquisa sobre (ant)agonia, antiteatralidade, não-narrativa e não-dramaticidade de Fernando Davidovitsch, que se questiona sobre os movimentos paradoxais em nosso contexto político-comportamental contemporâneo: como ser tolerante? É possível tolerar o intolerante, ou é preciso ser intolerante com o intolerante para ser a favor da tolerância? É preciso considerar que a intolerância não está só nos outros, no Estado ou nos meios mais acentuadamente reacionários em termos de valores e comportamentos, mas também entre nós, alunos e professores, pesquisadores e artistas, se pensarmos na dificuldade para o exercício da escuta.

No que concerne à relação entre minorias e poder, o projeto de vingança contra as injustiças do mundo é uma ação político-estética de Jaqueline Vasconcellos – *Jack Soul Revenge Girl* – que articula arte e ativismo, ao se perguntar como podemos usar algoritmos da internet a nosso favor. Através de uma plataforma digital a pesquisadora e artista cria táticas de uso dos *likes* e *dislikes* para fortalecer algumas performances. A performance como vingança, para fazer existir o que foi sistematicamente calado, dialoga com o conceito de Comunidades Intencionais, ou associativismo voluntário, defendido por Charles Fourier, e de Zona Autônoma Temporária, de Hakim Bey, que provocam novas formas de curadoria ao visibilizar na internet, por exemplo, obras de mulheres negras. A existência, cada vez maior, dessas comunidades nas plataformas digitais, cria espaços em áreas que estavam saturadas, ou dominadas pelos espaços institucionais formais.

Tecendo relações entre minorias invisibilizadas e monstros, a pesquisa de Haroldo Garcia está em busca da *dança-monstro* e da possibilidade de uma dramaturgia monstruosa. Garcia propõe uma desestigmatização das identidades

trans e travesti, numa reflexão sobre a potência das *existências mínimas* (LAPOUJADE, 2017).

Ao refletirmos sobre as existências mínimas, marginalizadas, emerge a discussão sobre a situação dos artistas, sejam eles mais ou menos reconhecidos. O questionamento sobre as relações entre a produção artística e a rede institucional que envolve políticas culturais, curadores, editais, legitimações, está presente na comunicação de Rafael Rebouças e Ricardo Philippi, sobre o artista polifacético ou multiexplorado. Tendo em vista a diminuição, ou mesmo a inexistência dos financiamentos para as artes, criou-se a ideia do empreendedorismo extremo: é preciso ser “criativo” para empreender e ter sucesso. Deste modo, há uma auto-servidão em que o artista, além de se produzir, deve ser também professor, programador, mestre, doutor, ampliando seu arsenal cognitivo para ampliar o trabalho artístico. A quem interessa essa auto-servidão?

A reflexão de Tânia Ikeoka sobre o que pode o corpo diante de uma realidade tão complexa como essa em que vivemos passa pelo cuidado e a consciência de si. Para a pesquisadora, a observação da própria respiração, da postura, da maneira de perceber o corpo pode mudar nossa ação no mundo. A auto-observação e o investimento na presença podem nos fortalecer para propor ações comuns numa agenda coletiva?

Nudez e pesquisa performada. O tema da nudez na dança foi crucial nas discussões deste grupo, como força política de um corpo poroso, através dos trabalhos de Alexandra Martins e de Mariana Trotta. Para Trotta o corpo feminino exposto é um projeto de dança que se quer feminista. Sua proposta é fazer um manifesto em defesa da nudez nas universidades públicas e questionar: “por que é péssimo estar nu na universidade, se a pesquisa pede isso?” A nudez provoca uma questão sobre o que suportamos ver e neste sentido a luta é importante porque move o corpo e a dança num momento em que tudo parece contribuir para a apatia e a impotência. Para Alexandra Martins a pesquisa que expõe a nudez dentro de uma sala, durante um Encontro Científico como este da ANDA, numa universidade pública, é política e é necessária. A utilização do fogo em sua pesquisa-performance traz o risco para o ambiente, por isso convoca nossa atenção para seu corpo e sua escrita, para sua pesquisa sobre gênero e feminismo. A pesquisa performa a morte ao queimar cada folha de papel contendo as palavras já ditas, para evocar o fim das

coisas e a possibilidade de emergência do novo, porque “nunca houve tanto presente no passado”, e é preciso “recordar os mortos para falar com os vivos”. O que emerge dessa encruzilhada entre palavra e gesto, entre obra e pesquisa que se retroalimentam?

Performance em dança e criação de espaços. As pesquisas de Débora Allemand, Aline Bernardi, Fabiana Marroni, Fernanda Nicolini e Rafaelli Mattos propõem outros espaços a partir da performance na relação com a rua, com palavras, objetos e materiais que não são usualmente associados aos espaços convencionais da dança. A criação em *site specific*, a palavra dita pelo corpo em movimento ao percorrer o espaço, a escuta do objeto são tentativas de diálogo com o que está fora do corpo, para descobrir as danças que estão por vir. Pensando nas pontes entre as diversas formas de pesquisar e fazer dança, podemos situar também a pesquisa de Anáí Pigatto sobre o corpos brincantes do Brasil, como tentativa de fortalecer e explorar um campo que não está diretamente ligado à arte contemporânea, foco da maioria das pesquisas. No mesmo bloco de comunicações, Pâmela Rinaldi apresentou sua pesquisa sobre a dança enquanto potência para ações contradispositivas. Há, nestas comunicações, um desejo de visibilizar o que tende a ficar encoberto.

André Duarte, em sua comunicação sobre a coreografia “Isto não é dança”, a partir do estudo sobre a representação em *Isto não é um cachimbo*, de René Magritte, provoca uma discussão sobre a pertinência de discutirmos ainda “o que é dança”. Talvez esta discussão seja uma falta de entendimento dos processos e caminhos que estão sendo percorridos por cada um, e de como ainda há insistências em legislar sobre o que pode ou não ser feito.

A pesquisa de Milena Pereira, por outro lado, investiga como sair das fronteiras da dança para se pensar melhor sobre as possibilidades dramáticas. Ela se pergunta como trabalhar discurso e sentido, estudando roteiros e narrativas cinematográficas. Quais são os procedimentos nas escolhas feitas pelas narrativas no cinema? Como traçar pontos de contato com a condição dramática de um espetáculo?

Agenciamentos e modos de relação com a Natureza. Leonardo França propõe que pensemos em outras presenças que coexistem no ambiente a partir da provocação de Davi Kopenawa (2015): “os brancos dormem muito, mas só

conseguem sonhar com eles mesmos?” O pensamento indígena emerge potente no questionamento de nossos valores e pensamentos classificados, segmentados, esquadrihados. França quer uma dança transdisciplinar na fronteira com outras linguagens, uma dança estilhaçada feita por um corpo estilhaçado, que pode dizer: “Existo, logo penso. Tenho um corpo, logo penso. Tenho uma experiência, logo penso”. Pergunta-se com quais epistemologias de corpo, entendimentos de corpo; e com quais ontologias, e experiências de mundo, estamos fazendo dança – e a quem cabe o lugar de humano em nossos processos composicionais em dança. O pensamento da cosmovisão ameríndia e da cosmovisão africana estão presentes nesta compreensão, que interroga: que tipo de escuta estamos fazendo em dança para abrir espaço a outros agenciamentos no ambiente?

Em outro viés na relação com o ambiente, Adriana Gehres expôs sua pesquisa com base em dados geográficos, mostrando um panorama da dança nas escolas em Pernambuco. A metodologia da pesquisa, no entanto, não a satisfaz, porque uma pesquisa de dados quantitativos dentro de um sistema de ensino não dá conta de tudo o que vivenciou na realidade de cada região. Pergunta-se, então, que dados são importantes e como fazer uso desses dados, já que o mapeamento da dança foi feito num momento, mas agora estamos em outro, os dados não são absolutos. Há uma incongruência nesta metodologia, pois os discursos do sistema de ensino são criados sobre os dados. Existem diferentes tipologias de redes no sistema: redes caóticas, redes hierárquicas, redes sem escala. Talvez a questão agora seja: como agir para transformar a rede, inventando outra forma de ação?

A comunicação de Ivana Menna Barreto, sobre a invenção de um lugar, considera as bifurcações como possibilidades de outros futuros, tendo como referência o processo de criação da instalação coreográfica *Lugar Inventado*, o conto “O jardim dos caminhos que se bifurcam” (BORGES, 1997) e o conceito de espaço imaginado (BERTHOZ, 1997). A pesquisa investiga como os deslocamentos entre imagens, sons, palavras e corpos (dos artistas e do público), numa geografia imaginada, põem em jogo sua reinvenção, investindo na relação entre discurso e comunidade. Como performamos o futuro, ao enfrentarmos as bifurcações nos caminhos? Que lugares de conversas, discussão e convivência são criados ética/esteticamente entre artistas, pesquisadores e sociedade?

Os participantes dos Painéis mostraram estudos sobre práticas somáticas como o BMC, para uma composição simultânea à improvisação (Romeran Gonçalves); sobre a transversão de gênero e o questionamento da condução em danças de salão (Izabel Sousa); e a teoria da mente corporificada e a dança, de Lakoff e Johnson (Ana Carolina Maivald).

Fica exposto neste relatório um contexto bastante diversificado de assuntos eleitos neste Comitê. Assim decidimos compartilhar como sucedeu em cada sala, no ensejo de disponibilizar por onde as discussões trilharam, suas ênfases e como as temáticas propiciariam alguns desdobramentos futuros. Entre eles, reforçamos a possibilidade de criação de um outro comitê conforme pontuamos inicialmente.

Percebemos que nas duas salas a questão identitária aparece com recorrência. Nesse fluxo, pontuamos “corpos em manifestos”, “minorias, relações de poder e invisibilidade”, “nudez e pesquisa performada”. Nesse flanco, indicamos a paragem do movimento e a nudez como estratégias, ou formas de inflexão para estancar certo tipo de movimento que tende a se reproduzir infinitamente, para provocar outras tensões através da exposição do corpo. Há também, nestas estratégias, outras atitudes que podem se desencadear, como por exemplo o acolhimento do diferente na pesquisa – o acolhimento do que foge ao padrão habitual do que se espera de uma produção acadêmica. Através dessas ações, refletimos que algumas performances devem acontecer, sim, num espaço acadêmico, porque foram pensadas para isso, e não num lugar de eventos, por exemplo. Algumas performances nos provocam mais que outras porque o contexto e a maneira como são feitas provocam outro tipo de presença e outro envolvimento do espectador, deste modo podem suscitar outras abordagens epistemológicas. Assim como a questão “Educação de situação em deficiência de acessibilidade” precisa urgentemente ser absorvida em qualquer espaço de convivência, público ou privado, mas, principalmente, jogar luz nas poéticas que aí se processam.

Outro espaço que gera um amplo recorte abarca “dança contemporânea”, naquilo que ela conserva de especificidade em sua gênese, como também enquanto campo aberto, para que possamos entendê-la de distintas perspectivas. Nesse arcabouço o tema “dança e religião” é um feixe que se apresenta com potência para discussão.

Outras formas de aglutinação transitando entre movimento, residência artística, *site specific* ou outros modos que estão por vir, que refletem vontades de diferentes perspectivas de imersões compartilhadas em determinado espaço ou em temporalidades pontuais, despontam de algumas comunicações. Não à toa sublinhamos “situações políticas-estéticas aglutinadoras com ênfase em dança”, “cena expandida e derivas” e “agenciamentos e modos de relação com a natureza”.

Os procedimentos de cartografias e mapeamentos também nos mobilizam na reflexão sobre as metodologias de dados quantitativos de dança. Como fazer uso dos dados coletados, uma vez que seus resultados não são absolutos?

Talvez, no meio de tantas urgências, seja pertinente expor formas de agregação a partir de conexões improvisadas ou aleatórias que concebem a criação de outras redes. Estas podem surgir de descontinuidades abertas ao desvio, nas quais o que está em jogo é o exercício de frestas para uma determinada dimensão que implica o outro, o coletivo, o público. Assim, imaginar-se como artista-pesquisador-etnógrafo pode ser uma estratégia na implicação de poéticas tramadas por deambulações fortuitas.

Que danças estão por vir? Desde a passagem do século XX para o XXI despontam outras formas de se agir/pensar dança, o que implica diretamente nas estratégias que estabelecemos com aqueles por quem sentimos algum tipo de proximidade. Ao mesmo tempo, como furar uma bolha que parece nos encapsular em ações e nos conectar somente com nossos pares e hábitos de sempre? Como transformar/deslocar?

Os dois grupos sob nossa coordenação sinalizaram uma vontade que aqui expomos: as danças que estão por vir dependem das conexões que estabelecemos com quem está próximo, e também com aqueles que se diferem de nós. Citar e reconhecer a produção acadêmica e artística de colegas é uma atitude política que cria pontes e possibilidades de novas ficções, e realidades. É preciso construir pontes entre nós, independentemente de vínculos institucionais, de políticas públicas, de grandes eventos ou de editais que nos deixam reféns das iniciativas do Estado. As pesquisas artísticas/acadêmicas, as citações dos trabalhos do outro podem ser uma maneira de construirmos outros espaços e outros futuros.

O VI Encontro ANDA contribui para colocarmos em xeque nossas proposições, assim como estabelecer um estado de escuta em relação ao outro.

Dessa forma, a Associação cumpre sua missão aglutinadora de pesquisadores-acadêmicos em dança no território brasileiro. Por outro lado, a ANDA precisará enfrentar a questão da verticalização de nossas discussões para produzir espaços de encontros que fomentem as epistemologias que daí despontam. Essas precisam de tempos mais dilatados. O Encontro foi um sucesso de inscritos, porém as discussões ficaram reféns de uma imensa quantidade de associados em seus comitês. Neste sentido apresentamos uma autocrítica enquanto coordenadoras responsáveis pela seleção das comunicações. Surge um desafio importante: refletir sobre a equação quantidade/qualidade de comunicações orais para o VI Congresso ANDA. Para que servem os Encontros? E em seu interior, como potencializar os aprofundamentos? Como eleger um caminho científico? É necessário descobrir outras chaves de leitura.

Este Comitê traz uma ideia de encruzilhada que nos faz pensar sobre o que atravessa este grande grupo. Como nos colocamos agora no mundo? Como criamos modos de relação que não se antecipem moralmente e, sobretudo, não bloqueiem o que está emergindo? Cabe a cada implicado na ANDA entender que somos responsáveis em fomentar um campo epistemológico povoado de distintas descrições, moveres em dança que evidenciam traços sob muitas perspectivas.

Nesses moveres comprometem-se ações que perpassam artistas-pesquisadores, professores, estudantes, comunidades, pessoas que ainda entendem a relevância de se reunirem para o exercício de pensar formas de convivência a partir do enfrentamento daquilo que nos aproxima, nos diferencia, nos afasta, nos demarca. Nesse e desse fluxo podem ser criadas algumas pontes entre o que já conhecemos e o que está surgindo. Como criar futuros a partir de nossos gestos presentes?

Referências Bibliográficas:

BARRETO, Ivana. **Autoria em rede: modos de produção e implicações políticas.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

BASTOS, Helena. **Corpo sem vontade = Cuerpo sin voluntad.** Revisão e tradução: Martina Altaf. São Paulo: ECA/USP: Cooperativa Paulista de Dança, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

797

CARMO, C. **Entre sorrisos, lágrimas e compaixões: implicações das políticas culturais brasileiras (2007 a 2012), na produção de artistas com deficiência na dança.** Dissertação (Mestrado em Dança), Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CORREIA, Fátima. **O Corpo Sitiado. A Impossível Visibilidade. Dança, Rodas e Poéticas.** 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Escola de Dança da UFBA e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Revista Cena, n. 7, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIELEN, Pascal. **Criatividade & Outros fundamentalismos.** São Paulo: Annablume, 2015.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados.** – São Paulo: Annablume, 2005.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomâni.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas.** São Paulo: N-1 edições, 2017.

LEPECKI, André. **Exaurir a Dança: performance e a política do movimento.** São Paulo: Annablume, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARQUES, Diego Alves. **Experiências Erráticas: pistas para a desobediência das performances corporais cotidianas urbanas.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes. São Paulo: UNESP, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.

MÜLLER, Cláudia Góes. **Deslocamentos da dança contemporânea: por uma condição conceitual.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

NEGRI, Antonio. **El monstruo político: vida desnuda y potencia.** In: GIORGI, Gabriel, RODRÍGUEZ, Fermín (coord.) **Ensayos sobre biopolítica: excesos de vida.** Buenos Aires: Paidós, 2007. p.93-139.

PAIS, Ana. **Discurso da cumplicidade: dramaturgias contemporâneas.** 2ª. ed., São Paulo: Edições Colibri, 2016.

RANCIÉRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

ROCHA, Lucas Valentim. **Processos Compartilhados em dança: experiências de criação e aprendizagem**. Dissertação de Mestrado em Dança. Salvador: UFBA, 2013.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da cafetinagem**. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>. Acesso em 02/04/15.

PAVLOVA, Adriana. **Dança e Política: Movimentos da Lia Rodrigues Companhia de Danças na Maré**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

TOURINHO, L. **Dramaturgias do Corpo: protocolos de criação das Artes da Cena**. Doutorado em Artes. Campinas: Instituto de Artes, Unicamp, 2009.

TROTTA, Mariana. **O discurso da dança: uma perspectiva semiótica**. Curitiba: CRV, 2011

ⁱ Maria Helena Franco de Araujo Bastos - Helena Bastos, é Co-Diretora do Grupo Musicanoar, fundado em 1992. Bailarina e coreógrafa. Professora na graduação e pós-graduação do Departamento de Artes Cênicas/CAC da ECA da USP. Chefe de Departamento (2011-2014) e Coordenadora de Curso (2017-2019). Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC da ECA/USP. E-mail: helenahelbastos@gmail.com

ⁱⁱ Ivana Menna Barreto é bailarina e coreógrafa. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC SP e Pós-Doutora em Dança pelo PPG Dança/UFBA. Professora do Curso de Licenciatura em Dança da UniverCidade (2011-2013) e do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIRIO (2016-2018). Seus últimos trabalhos, *Agora* (2015/2018) e *Lugar inventado* (2019), criam perguntas para se encontrar pessoas e lugares. E-mail: ivanamennabarreto@gmail.com